



FILOSOFIA DO FUTURO EM ANTÔNIO VIEIRA

FILOSOFIA DEL FUTURO EN ANTÓNIO VIEIRA

Victor Nojosa de Oliveira¹

RESUMO

Pesquisadores estão cada vez mais interessados na vida e obra do padre António Vieira. Fóruns e Congressos, bem como o desenvolvimento de pesquisas que dizem respeito à filosofia brasileira, tem estabelecido caminhos teóricos e metodológicos para compreender o pensamento e o significado do pensamento de Vieira. Este artigo analisa o conceito de futuro em Vieira a partir da obra *História do Futuro*. Portugal estava vivendo um momento dramático com a morte de D. Sebastião, o que culminou com um problema de sucessão ao trono. Com Filipe II, rei da Espanha, tivemos a União Ibérica. Quando D. João IV acende ao trono, as esperanças de uma Restauração vêm à tona. Nesse momento, eclodem os movimentos messiânicos e surgem diversas mensagens proféticas. Nesse sentido, Vieira se coloca como o intérprete do futuro, anunciando a esperança de Portugal. Pretendemos mostrar que os conceitos de história e logocentrismo, de tempo e providência, foram fundamentais para consolidar uma filosofia da história em Vieira.

Palavras-chave: História. Logocentrismo. Providência divina. Tempo.

RESUMEN

Los investigadores están cada vez más interesados en la vida y en la obra del padre António Vieira. Los foros y congresos, así como el desarrollo de las investigaciones que conciernen a la filosofía brasileña, han establecido caminos teóricos y metodológicos para comprender el pensamiento de Vieira y su significado. Este artículo analiza el concepto de futuro en Vieira a partir de la obra *Historia del Futuro*. Portugal vivía un momento dramático con la muerte de Sebastián I, que culminaba en un problema de sucesión al trono. Con Felipe II, rey de España, teníamos la Unión

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida. Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará sob a orientação do professor Evanildo Costeski. E-mail: victor.nojosa7@gmail.com.

Ibérica. Cuando Juan IV asciende al trono, las esperanzas de una Restauración pasan a primer plano. En este momento, estallaron movimientos mesiánicos y surgieron varios mensajes proféticos. Así, Vieira se pone como el intérprete del futuro, anunciando la esperanza de Portugal. Pretendemos mostrar que los conceptos de historia y logocentrismo, de tiempo y providencia, fueron fundamentales para consolidar una filosofía de la historia en Vieira.

Palabras-clave: Historia. Logocentrismo. Providencia divina. Tiempo.

Ao analisarmos o pensamento profético de Vieira podemos relacioná-lo ao contexto político de Portugal, mais especificamente entre os séculos XVI e XVII. Com a morte de D. Sebastião, na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, e com a problemática gerada pela ausência de descendentes, houve um problema de sucessão ao trono. D. Henrique, tio de D. Sebastião, assumiu o trono, de forma breve, e Filipe II, rei da Espanha, se tornou rei de Portugal. Consequentemente, os portugueses perderam a autonomia política. Diante do misterioso desaparecimento do corpo de D. Sebastião e com o domínio da Espanha sobre Portugal, iniciou-se uma cogitação popular de que o rei haveria de retornar e reestabelecer uma nova ordem, onde a honra e o poder retornariam a Portugal. É nesse contexto que nasce o sebastianismo, que significou a busca incessante por restauração e independência. Em 1640, D. João IV chega ao poder renovando as perspectivas de Restauração.

Portanto, o conceito de Futuro em António Vieira é inseparável de premissas fundamentais, como a história, o logocentrismo, a providência divina e o tempo. Essas proposições implicam na compreensão de um marco temporal que converge às realizações do Ser na História, acentuando a primazia do aspecto escatológico no tempo. Vieira escreveu a *História do Futuro* (Livro I e Livro II) entre 1640 à 1660 e ela foi publicada pela primeira vez em 1718, com segunda edição em 1855. O contexto histórico em que Vieira escreveu esse texto foi marcado pela sua condenação no Tribunal do Santo Ofício: a *História do Futuro* foi parte de sua defesa perante o tribunal.

A partir da análise do texto de Vieira, analisaremos o conceito de futuro enquanto categoria teórica que justifica uma Filosofia da História. Vieira desenvolveu a crença de que Portugal seria o reino fundado por Deus com a missão de disseminar

a fé cristã e liderar o V Império Universal². Por esta razão, ele concebe a ideia de uma “Ciência do Futuro” pautada na filosofia natural e na filosofia cristã, pois a relação entre essas duas premissas é importante para a compreensão da fé e da natureza, elemento fundamental onde se processa o percurso do mundo. Pretendemos demonstrar a origem, o desenvolvimento e a maturidade de um pensamento particular, cuja forma de ser pressupõe o arcabouço de um Futuro.

História e logocentrismo

O objetivo de Vieira era teológico-filosófico-político, já que colocou o futuro de Portugal profeticamente, como o cumprimento de um projeto divino anunciado no passado. Primeiramente, analisaremos o conceito de História. Podemos observar nas palavras do padre Vieira:

A história mais antiga começa no princípio do mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do Mundo e acaba com o fim dele. Mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heroicos e famosos, antes de a fama os publicar e de serem feitos. O tempo, (como o mundo), tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa História, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os Antípodas do passado. (VIEIRA, 2015, p. 67).

É preciso pontuar que sua concepção se distinguiu da concepção dos historiadores. Sua história está inserida no teatro do mundo. É uma história que coloca

² O contexto onde Vieira elaborou o seu conceito de Quinto Império, foi marcado por crenças messiânico-milenarista. Podemos mencionar, de modo mais específico, as novidades do sebastianismo e restauracionismo. Havia, no imaginário popular, a crença de que Portugal seria o Quinto Império mundial e sua missão era disseminar a fé cristã em escala global. Havia, notadamente, duas lendas que nutriam a expectativa popular, o “milagre de Ourique” e as “Trovas de Bandarra”. Vieira salientou que, para além de um governo, haveria um Estado forte que teria a prerrogativa de conduzir a História para a sua finalidade conforme a providência divina. No Livro II, da História do Futuro, Vieira explica, a partir da profecia de Daniel, como será instaurado Portugal como o Quinto Império mundial. Daniel interpretou o sonho de Nabucodonosor e divulgou quais seriam as potências mundiais que dominariam o Oriente Médio. Daniel revelou ao rei que a Babilônia era representada pela cabeça de ouro, o império de prata foi o Medo-Persa, o império de bronze foi o Greco-Macedônio e o império de ferro seria o império Romano. Sendo assim, Vieira estabelece o projeto Quinto Imperial, ou seja, a instauração de Portugal como continuidade e cumprimento das profecias bíblicas.

em suspeição as regras de gênero da história tradicional; ou seja, a história, em Vieira, não está condicionada às determinações do passado. Tampouco tem como fim último exaltar os “grandes eventos” e nem colocar em lugar de destaque os “grandes personagens”. Sua história é singular, pois possui a prerrogativa de desvelar e descortinar o Futuro. A história desempenhará a tarefa impossível e possível – descrever a história do futuro antes de seu acontecimento. Vejamos um fragmento que retrata uma provocação de Vieira:

As outras histórias contam as coisas passadas; esta promete dizer as que estão por vir. As outras trazem à memória aqueles sucessos públicos que viu o mundo; esta intenta manifestar ao mesmo mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento. Levanta-se este assunto sobre toda a esfera da capacidade humana, porque Deus, que é a primeira fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os tesouros dela tão liberalmente com os homens, e muito mais com o primeiro, sempre reservou para Si a ciência dos futuros, como regalia própria da divindade (VIEIRA, 2015, p. 63).

Cada evento da História é histórico e possui ser próprio. Cada evento possui uma natureza interior e seu sentido está em Deus – sentido primeiro – que está fora do tempo (transcendência), ao mesmo tempo em que está no tempo (imanência). Por esta razão, sua história é uma nova história do futuro, pois a chave de interpretação do futuro está no indeterminado, que ao mesmo tempo é determinado, no atemporal, que ao mesmo tempo é temporal. Ou seja, para compreender o futuro é preciso submeter às tentativas e premissas fundamentais a luz do divino; não somente isto, estamos diante da ideia de que o futuro, para Deus, está pronto. Deus é atemporal. Passado, presente e futuro são eternos agora. O futuro não está aberto. Existe uma finalidade na História.

Podemos depreender da citação acima o conceito de revelação, que segundo Vieira, “intenta manifestar ao mesmo mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento” (2015, p. 63). Como o futuro está nas mãos de Deus, Vieira estabelece o contraste entre os atributos divinos e a insuficiência humana, no sentido de que o sujeito humano está preso nas contingências do tempo e do espaço. Ele não é atemporal e a sua compreensão do futuro é condicionada. Segundo Vieira, “O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo tempo ou o seu saber ou a sua ignorância: do presente sabe pouco, do passado menos, do futuro nada” (2015, p. 63). Nesse sentido, os instantes da contingência não são meras

variáveis casuais e aleatórias. Daí a necessidade da Revelação como princípio fundamental para a compreensão do futuro.

Do ponto de vista filosófico, existe uma metafísica latente no pensamento de Vieira. Deus é a fonte primeira e a fonte da sabedoria. A ciência do futuro, assim, é de competência da divindade. A onisciência é um atributo intransferível que não tem nenhuma ressonância na criatura humana, pois essa qualidade é o que faz a divindade ser o que é. Por outro lado, não existe um abismo intransponível entre a revelação de Deus e a capacidade humana de apreensão dessa revelação: ou seja, o conhecimento de Deus e do futuro é possível mediante a correta interpretação das profecias. Embora exista uma relação qualitativa entre Deus e o sujeito humano, esse recebe afecções sensitivas. Se existe a possibilidade do conhecimento da revelação é porque só se conhece aquilo que é transformado para o ser humano. A revelação é a instância de expressabilidade de todas as coisas.

A revelação é de fora para dentro, porém, a inteligibilidade humana deve ser compreendida ontologicamente. Se há uma revelação, exige-se que aja em Deus uma estrutura capaz de se articular com o sujeito. O ser enquanto tal é expressável, mas ele depende de uma instância. Essa instância é Deus.

Em Vieira, a subjetividade também é uma instância teórica que determina, em parte, a apreensão da revelação. Existe uma estrutura ontológica universal. Vejamos, nas palavras de Vieira, como se processa esse dado da sua história revelacional:

Para satisfazer, pois, à maior ânsia deste apetite e para correr a cortina aos maiores e mais ocultos mistérios deste segredo, pomos hoje no teatro do mundo esta nova História, por isso chamada do Futuro. Não escrevemos com Beroso as antiguidades dos assírios, nem Xenofontes as dos persas, nem com Heródoto a dos egípcios, nem com Josefo a dos hebreus, nem com Cúrcio a dos macedônios, nem com Tucídides a dos gregos, nem com Lívio a dos romanos, nem com os escritores portugueses as nossas, mas escrevemos sem autor o que nenhum deles escreveu nem pôde escrever. Eles escreveram histórias do passado para os futuros, nós escrevemos a do futuro para os presentes (VIEIRA, 2015, p. 66-67).

Vieira problematiza até mesmo o conceito de profecia e a põe em confronto direto com sua definição de história. As profecias não possuem leis imanentes, diferente da história que tem a capacidade de discernir os tempos e forjar lugares. Para Vieira, a profecia é definida como uma linguagem tipológica, metafórica, figurativa, simbólica; ou seja, a função da profecia é manter-se oculta e condicionada

às figuras de linguagem. As profecias revelam o mistério que se desvelará com a irrupção de uma nova ordem que será capaz de discerni-la no tempo e no espaço. Vieira sabia muito bem que as tipologias, na interpretação de cada profecia, assumiam a tarefa de descortinar o plano global determinado pela providência divina para a realização plena do cumprimento histórico. Eis aí a essência da história do futuro. Nas palavras do próprio autor podemos notar essas ideias:

Se já no mundo houve profeta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os profetas não chamam histórias às suas profecias, porque não guardam nelas estilo nem leis de histórias: não distinguem os tempos, não assinalam os lugares, não individualizam as pessoas, não seguem a ordem dos casos e sucessos; e quando tudo isto viram e tudo disseram, é envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido em enigmas, e contado ou cantado em frases próprias do espírito e estilo profético, mais acomodado à majestade e admiração dos mistérios que à notícia e inteligência deles (VIEIRA, 2015, p. 68).

Podemos elencar outro elemento de vital relevância para uma Filosofia da História em Vieira: o logocentrismo. Vieira se coloca como aquele que narrará uma história sem autor, pois o padre se reconhece como um instrumento do dizer divino. Nesse caso, a palavra de Deus está oculta para os humanos e a Ciência do Futuro será o caminho metodológico que ele utilizará para apresentar a palavra divina. Assim, a autoridade de Vieira é logocêntrica, no sentido de que o verbo é a palavra verdadeira. Logocentrismo é a metafísica da presença, autoridade externa que forma, compõe e opera a centralidade da linguagem. O logos é a palavra que se antecipa a todo homem. Todavia, essa palavra reverbera a presença do verbo criador na constituição ontológica de todo o existente.

O pecado e a culpa resultaram no deslocamento da escuta e degradaram a atenção fazendo com que a linguagem desenvolvesse uma improbidade que deturpa o sentido originário. Daí a necessidade da escrita, como fixação textual do discurso, para a superação de toda e qualquer distorção. As profecias foram apropriadas e legitimadas por Vieira como chaves hermenêuticas e exegéticas na compreensão do devir e do porvir na história. Citando Borges, podemos ampliar essa questão:

A exegese escriturária, particularmente dos profetas, é a condição necessária para o reencontro de uma Palavra que aos homens agora se revela como texto, ou seja, como o apoio objetivo para que o Verbo originário seja reciprocamente descoberto no mundo e na assistência interior que faculta tal

descoberta. A mediação exegética – até porque totalmente orientada para o desvelamento do sentido genuíno e literal em que encarna a mesma Palavra que, no texto do mundo, o orienta para a consumação da necessidade de qualquer mediação – possui assim, em Vieira, uma dimensão eminentemente conversiva e escatológica. Conforme veremos, mais do que circunscrita a potencializar-se num processo de especulação teológica, tendente à produção cultural, ela é amplamente subsidiária dos modos propriamente hebraicos de intervenção profética, sendo já a apresentação da Palavra primordial que, ainda em sua intencionalidade futurante, intenta desocultar (BORGES, 1995, p. 28).

Portanto, podemos salientar que por traz da palavra escrita do texto sagrado existe a palavra viva. O esforço exegético de Vieira se direciona para o exercício da abstração da revelação que, por sua vez, explicitará o Logos. Mesmo que essa compreensão do Logos seja captável por um aparato subjetivo, pois o ser humano possui afecções para a realização dessa tarefa, ou por meio de uma instância que liga essa compreensão à inteligibilidade do mundo, Vieira opta pela necessidade fundamental da exegese profética.

Tempo e Providência

Segundo Vieira, o tempo é uma qualidade inerente da natureza: “o mais certo intérprete das profecias” (VIEIRA, 2005, p. 248). O tempo diz respeito à modalidade concreta do Ser, à temporalidade contínua da criação, bem como a condição imanente da vida. A temporalidade pode ser apreendida na transcendência de sua origem. Segundo Borges: “O tempo constitui o concreto e positivo testemunho de uma Origem criadora e ordenadora” (BORGES, 1995, p. 33). Ao criar o mundo, Deus estabeleceu o tempo e, nesse caso, o tempo é a condição de possibilidade onde a realidade e o procedimento de substituição da identidade do Ser (sentido) dão lugar ao significado (Ente). É nesse sentido que o mundo existe e cada evento da história é histórico: embora exista livre-arbítrio, o tempo foi criado e nenhum evento tem relação de igualdade com Deus. O tempo é qualificado, ou seja, o processo histórico não está subordinado à ação humana³.

³ Segundo Maria Abrão, a intenção de Vieira é revelar o futuro e sua história não é especulativa, pois na contingência humana existe a condição de possibilidade para o exercício da liberdade. Por outro lado, o tempo não é resultado de variáveis inéditas que surpreendem os propósitos de Deus, ou seja, a força do tempo não impele o sujeito humano para longe de Deus, ao contrário, “O tempo, de lugar hostil ao encontro com Deus, passaria talvez a ser o lugar dado por Deus para o encontrar. Em vez de nos separar, o tempo nos aproxima de Deus”. O presente é a instância onde o futuro se desdobra e se

Embora a liberdade humana sempre se esbarrará na providência divina, Vieira se posicionou contra a relação entre sorte e fortuna, pois ressaltava o mérito da ação humana. Nesse caso, se os destinos do sujeito humano têm haver com a sorte, isso traria necessariamente implicações para o exercício do livre arbítrio. Vejamos as palavras de Vieira:

Mas que direi das ciências ou ignorâncias, das artes ou superstições, que os homens inventaram desde a terra até o céu, levados só deste apetite? Sobre os quatro elementos assentaram quatro artes de adivinhar os futuros que tomaram os nomes dos seus próprios sujeitos: a geomancia, que ensina a adivinhar pelas coisas da terra, a hidromancia pelas da água, a aeromancia pelas do ar, e a piromancia pelas do fogo. Tão cegos seus autores no apetite vão daquela curiosidade, que tendo-se perdido na terra os vestígios de tantas coisas passadas, cuidaram que na água, no ar e no fogo os podiam achar das futuras. No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessem ou soletrassem esta ciência: a fisionomia nas feições do rosto, a quiromancia nas raias da mão. Em um mapa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela: os anos, as doenças, os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades e todos os outros futuros prósperos ou adversos, arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos. Deixo a astrologia judiciaria tão celerada nos nascimentos dos príncipes, em que os <genetlíacos>, sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida, levantam ou figura ou testemunhos a todos os sucessos dela. Nem quero falar na triste e funesta nigromancia, que, frequentando cemitérios e sepulturas no mais escuro e secreto da noite, invoca com deprecações e conjuros as almas dos mortos, para saber os futuros dos vivos (VIEIRA, 2015, p. 64-65).

Se faz necessário, antes de retomarmos a discussão sobre o tempo, fazer menção de uma passagem no Sermão nas exéquias da senhora Dona Maria de Ataíde, filha dos Condes de Atouguia, dama do palácio que ressalta a opção que Vieira fez de valorizar a liberdade humana sem negar a soberania de Deus e a sua providência:

Casos sucedem no mundo, que parece se decuida Deus do governo dele: e se alguns são à nossa admiração maiores motivos, são os da vida, e da morte. Esta admiração introduziu no juízo dos homens o erro de Fados, e de

descortina e onde o passado se exauri. O passado se inseri no presente para elencar variáveis do futuro. O sujeito humano é protagonista na construção do futuro a medida em que desenvolve a sensibilidade necessária para discerni-lo, e só é possível sondá-lo em Deus, pois Ele é quem se revela. O Deus que não está condicionado ao tempo e tampouco ao espaço, faz com que passado, presente e futuro sejam eternos “agora”. Ainda conforme Maria Abrão, Vieira, invertendo os polos da história tradicional, que tenta compreender o futuro a partir do passado, parti do futuro para desvelar o presente. Portanto, “A atualização do desígnio de Deus atualiza a ação humana e a torna efetivamente contemporânea. Ela faz que o homem pertença ainda mais a seu tempo” (2012, p. 79-86).

Fortuna, que se bem entre nós perderam a divindade, ainda conservam os nomes. Se repararmos com atenção quem vive neste mundo, em quem morrem é necessário muita fé, para cere que há providência (VIEIRA, 2015, p.111).

Para Vieira não existe a possibilidade de um contínuo evolutivo que avança para realizar as utopias da razão. O tempo tem como prerrogativa desvelar novos fatos, à medida que a contingência humana contribui para o desdobramento da história e a escatologia vai se descortinando e revelando os horizontes futurísticos passivos de apreensões concretas. Vieira, no sermão da Quarta-feira de Cinzas, 1672, afirma: “porque tudo o que vive nessa vida, não é o que é, é o que foi, é o que há de ser. Ora vêde?” (VIEIRA, 1952, p. 173). O tempo não é progressivo e se direciona em linha reta. Podemos ainda acrescentar que o tempo não é concebido de forma positivamente aberto para um futuro infinito. Os eventos se mostram insuficientes para explicar em si mesmo a relação de causa e efeito. Nesse caso, os acontecimentos não reúnem condições de excluir o Ser divino, e também nunca serão autônomos em cada instante. Ainda é importante mencionar que, para Vieira, somente o tempo é capaz de desvelar e elucidar as profecias:

De maneira que, resumindo toda a resposta da objeção, digo que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor porque vemos mais perto; e que trabalhamos menos porque achamos os impedimentos tirados. Olhamos de mais alto, porque vemos sobre os passados; vemos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste tesouro e varreram esta casa, foram tirando impedimentos à vista, e tudo isto por benefício do tempo, ou, para o dizer melhor, por providência do Senhor dos tempos (VIEIRA, 2005, p. 254).

A Providência divina é outra chave exegética para analisarmos a História do Futuro. Trata-se de um mistério imposto pelo tempo, porém, Vieira aponta para uma finalidade divina na História. A Providência tem singularidades com as contingências históricas, acentuando a revelação profética do Reino de Cristo. Portanto, a história é definida qualitativamente e subordinada ao tempo de Deus. Ela é semelhança e oposição de eventos.

Para Vieira, o texto sagrado expõe uma visão de realidade que pretende suplantar outra realidade. Existe uma premissa fundamental no relato bíblico: a pretensão universalista, ou seja, uma teleologia. Tudo o que acontece no mundo é

resultado de um plano divino e universal. Os retalhos da contingência humana possuem uma coerência vertical operando a partir da ideia de Deus e de sua providência.

O valor histórico dos acontecimentos foi gradualmente ganhando um valor simbólico. O conceito de história foi cedendo lugar para o sentido abstrato e deixou de lado o sentido concreto. A história do Antigo Testamento foi interpretada como os eventos que antecipavam o advento de Cristo. O conceito de figura, assim, passou a ser ligado ao de figura de linguagem. Para Vieira, a figura passa a ser historicamente plausível, que anuncia outra coisa também historicamente plausível. Os acontecimentos do passado são compreendidos e concebidos como figuras da revelação, são cifras em que se lê o universo criado. As diferenças temporais confluem para a identidade do mesmo conceito indeterminado; Deus, no qual todas as coisas subsistentes são reflexos ou predicados. A providência é parte de um processo histórico que se articula com os fluxos contínuos do tempo. Significado e sentido são filtrados e estabelecidos pela peneira do presente. Sendo assim, é possível, no tempo existencial de Vieira, compreender as profecias de maneira muito mais ajustada do que os próprios profetas que as anunciaram. Conforme alusão do padre, percebemos essa dinâmica:

Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais alto que ele. Pigmeus nos reconhecemos em comparação daqueles gigantes que olharam antes de nós para as mesmas Escrituras. Eles sem nós viram muito mais do que nós. Pudéramos ver sem eles, mas nós, como viemos depois deles e sobre eles pelo benefício do tempo, vemos hoje o que eles viram e um pouco mais (VIEIRA, 2005, p. 248).

No plano divino o evento é uma figura de um evento novo e, nesse sentido, o segundo evento preenche o primeiro (a figura) dando inteligibilidade a um conceito antes oculto. Portanto, a providência divina é a chave de interpretação dos eventos. Corroborando com essa premissa vale destacar o que concluiu Auerbach:

Só é possível estabelecer esta relação quando se unem os dois acontecimentos, verticalmente, com a providência divina, que é a única que pode planejar a história desta maneira e a única que pode fornecer a chave para a sua compreensão. A conexão temporal-horizontal e causal dos acontecimentos é dissolvida; o agora e aqui não é mais elo de uma corrente terrena, mas é, simultaneamente, algo que sempre foi e algo que se consumará no futuro (AUERBACH, 1997, p. 86).

Na convergência e divergência entre tempo e providência, a *História do futuro* não apresenta nada de inédito e inovador. Na realidade é história nova sem nenhuma novidade. O desenvolvimento do tempo não pressupõe a superação do passado, pois a eternidade está em todos os lados e em todos os tempos. Claro que o desconhecimento dos sujeitos humanos se rende diante da novidade, porém, a novidade em si não é nova diante da providência, pois tudo o que vai acontecer para Deus já aconteceu.

Porventura aquela metade do Mundo a que chamavam quarta parte, não foi criada juntamente com Ásia, com África e com Europa? E, contudo, porque a América esteve tanto tempo oculta, é chamada Mundo Novo; novo para nós, que somos os sábios; mas para aqueles bárbaros, velho e muito antigo. Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas cousas fazem novas o esquecimento, porque se não lembram. Outras a escuridade, porque se não veem; outras a ignorância, porque se não sabem; outras a distância, porque se não alcançam. Outras a negligência, porque se não buscam; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa História. Lembraremos nela muitas cousas esquecidas, alumiaremos muitas escuras, descobriremos muitas ocultas, poremos à vista muitas distantes e procuraremos saber muitas ignoradas (VIEIRA, 2005, p. 272).

Para o Padre Antônio Vieira, o futuro é resultado da revelação da eternidade. O futuro é o meio onde se estabelecerá a materialização do Reino de Cristo na terra. É uma realidade latente que eclodirá em dimensões planetárias. Essa eclosão não se limitará teoricamente a um plano especulativo. As grandes mudanças que o mundo sofreu, tais como a “descoberta da América”, provaram a sua lógica.

Conclusão

Podemos sintetizar o que foi exposto acima pontuando que, historicamente, Portugal passa a ter importância na identificação de um Império temporal de paz e concórdia. Portugal vai ocupar, por meio de seu rei “encoberto”, a prerrogativa de consolidar o Reino de Cristo na terra, impulsionado pelo sebastianismo, pela Restauração e pelo joanismo. Vieira se fundamentou nas profecias canônicas e não canônicas, como em Bandarra, fundamento para a sua justificativa. E, quando avaliamos a natureza da sua justificativa, notamos que é inerente a mesma uma Filosofia da História, pois estão presentes em seu pensamento aspectos filosóficos

que ele lançou mão para construir sua ideia de futuro. Podemos ressaltar, por exemplo, questões teleológicas, logocêntricas, temporais e históricas.

Referências

ABRÃO, Maria. **Lembra-te do futuro - a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro**. São Paulo: Edições Loyola; Recife: Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), 2012.

AUERBACH, Erich. **Figura**. Tradução de Duda Machado. Revisão da tradução de José Marcos Macedo e Samuel Titan Jr. São Paulo: Ática, 1997.

BORGES, Paulo Alexandre Esteves. **A Plenificação da História em Padre António Vieira**: estudo sobre a ideia de Quinto Império na Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995.

VIEIRA, António. **História do futuro**. Brasília: Editora UnB, 2005.

VIEIRA, António. História do futuro e voz de Deus ao mundo, a Portugal e a Baía. Direção de José Eduardo Franco, Pedro Calafate. In: **Obra completa**. Tomo III, Volume I, profética. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

VIEIRA, António. **Sermões fúnebres**. Direção de José Eduardo Franco, Pedro Calafate. Tomo II, Volume XIV, parenética. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

Artigo recebido em: 25/05/2021.
Artigo aprovado em: 05/06/2021.